

FRENTE LITERÁRIA

DIRETOR RESPONSÁVEL — AFRÂNIO VIEIRA
COORDENAÇÃO GERAL — JOEL ABDALA

Suplemento n.º 1

Cachoeira Paulista, outubro de 1968

Ano I

Editorial de Apresentação

Surge uma idéia. Dá-se-lhe forma em imagens e linguagens mentais. Depois, analisando as dificuldades e procurando transpô-las, vê-se nascer com afeição natural aquilo que foi gerado e esteve algum tempo em estado de sonho.

Podemos dizer que trememos de emoção em apresentar ao público leitor de FRENTE, um suplemento literário.

FRENTE LITERÁRIA é de âmbito valeparaiibano e che-

ga para revelar todos os novos que iniciam os passos em ciência e arte literária. De mil modos diversos o homem busca a ciência e a arte, ainda quando estas se resistam do simplismo folclórico. Quem já viu exposições de arte popular conhece o público que é artista sempre e ao seu modo.

Eis o nosso suplemento.

Muita luta, sim, das lutas movidas pela sublime paga de haver servido.

A Redação

“1911”

Régis de Moraes

Na estação dos trens de Guaratinguetá, todos procuravam ver minha filha. Não preciso de qualquer esforço para acordar na memória a noite 23 de maio de 1911. Muito ao contrário, tenho a que lutar para conter lembranças tão cotidianas. Desde a véspera, os horrores de sangue estrelavam na branca estatura que apertava a cabeleira da minha criança.

Dorinha, minha querida, tão sofrida nos onze meses de idade, dormitava sua dor e um tanto de cansaço estendida no banco de madeira e amparada pelo colo da mãe. Moço e muito forte, consegui suportar a carga de tanto sono e velava pela menina, enquanto Trude passava por leve madorna. Duas semanas estivessem ladando o sofrimento da nossa filha e Trude começava a não mais resistir ao desgosto.

Esperávamos o trem que nos desse de volta aos cômodos do casarão da boa chácara de Cachoeira Paulista.

— Olá, Alexandre! — ouvi perto da voz familiar — o que o traz a estas bandas?

Era confortador topar um conhecido.

— Meu bom Vasconcelos! estou aqui lutando. A menina não anda bem.

Lembro-me bem claro de Trude acomodando melhor a cabeça da criança e completando:

— Dorinha foi operada ontem, seu Vasconcelos! Uma terrível dor de cabeça.

Quase ajoelhado, o homem se chegava para ver de mais perto a estatura.

— Cotidinha!

Era a docentíssima vez que eu ouvia «cotidinha». Achava ainda pouco. A compaixão do mundo não era tanta para com as dores da criança. Hoje em dia as anestésias são boas e creio que não se opera mais com martelo e formão.

— Isto não é formão! meu senhor! — advertiu-me o médico quando me revoltiei, na sala de operações.

Mas o nome complicado que ele me quis ensinar era só uma valdeade, um jeito de enobrecer o seu formão.

— Melhor que eu esteja a-

qui, — juntou o Vasconcelos — assim passo ajudando-os que precisarem.

Agradei, mas meu amigo não respondeu.

O trem entrava, num estalar, e logo a plataforma. Chegava o ruído de fumo que a locomotiva largava em seu cansaço.

Aos poucos nós, os homens, ajoelamos Trude e a menina num banco do couboio, onde os gemidos cresceram as crianças agitados e eram contemplados pelo carinho da mãe. E estávamos parados olhando o claro da manhã, o companheiro de olhos postos sobre o Paraíba, eu olhando a estação e o amargor que vinha da cidade, mesmo à grande festa daquele sol que tudo lambia. Contra o prédio longo, que era pintado melo em rosa e tinha uma porção de janelas, os uniformes escuros dos ferroviários faziam contraste.

— Água! — gemeu a vizinha — quero água! água!

Dorinha suava e vi-lhe secos os lábios.

— Eu vou buscar água — dispôs-se Vasconcelos.

— Pode deixá-lo — agradei — arranjo ali na casa do agente.

— Mas e se o trem sai, meu Deus? — Trude estava arregalada.

— Vasconcelos e eu, falamos ao mesmo tempo:

— Eu vou ligeiro!

Bem acolhi a companhia.

— Então vamos, não se per-

de tempo.

Lá fora do trem, enquanto

famos rapidamente, eu ainda comentei que jamais deixaria com sede a pobrezinha, que já bastava do sofrer.

Vasconcelos meteu-se casa do agente a dezoito leito um familiar. Eu hesitava à porta com descompasso no coração

so pressentir que o trem se punha de partida e era penoso aquilo instante.

Ouvi dois apitos. O amigo não vinha. Foi quando trem largou, num tranco comum das velhas visagens. De nada valeu nossa correria para alcançar a cauda da composição que roncava — um inferno — e tinha só dois braços que eram os da Trude em desespero.

— Alexandre! — exclamou meu bom amigo, com a caneca vazia na mão.

Olhei o chão. Olhei Vasconcelos.

A água entornou! — balbuciei.

E agora? não há mais trem, pois não?

— Não há!

Era a tortura. Porisso disse «não há». Depois pensei melhor e pude lembrar que o trem comboio viria de São Paulo às oito da noite.

— Mas às oito, Alexandre! e como você vai esperar...?

Ainda esgarçadas as idéias pude ver, ao consultar o relógio de bolso, que das dez horas, nos se-

paravam do trem da noite. Al Vasconcelos já se recuperava e veio em meu socorro.

— O tempo passa vando, Sade!

— com um sorriso enfe-

rujado ele me alagava o espírito usando o apelido que tinha em família. — Passa ligeiro! é só não ficar matu-

tando em cima do relógio.

— Meu Deus, até isto acontece! até isto, minha Virgem!

— Vamos devolver a caten-

a do agente.

Do impacto ainda me restava lertezia.

— E Vamos sim.

Era um tempo miserável, sem remédios e sem automóveis,

quando todo mundo andava de roupa de brim, quando ju-

diavam mais as fatalidades, apesar de ser a terra mais

bonita e as árvores e passa-

rinhos e plantações cantarem nas paisagens.

O relógio nem ligava. Ha-

via um homem sofrendo por

eram só dez e meia.

Arrebolto, Vasconcelos. Não aguento os nervos.

— Mas as passagens não estavam com Dona Gertrudes?

— Ah! não só as passagens. Também minha criança.

Via-se no semblante que Vasconcelos procurava coisas

pra me dizer. Aos poucos ele também foi perdendo a paci-

ência mas queria convencer-me assim mesmo:

— Não adianta enervar-se, Alexandre!

— A cidade foi com sede.

— Mas Cachoeira não é tão longa...

Meu companheiro mal sub-

jugava o desespero e eu nem

sabia que alguém pudesse

sentir a dor que eu tinha. A

hora do almoço trocamos con-

selhos:

— Já almoçar, Vasconcelos!

— Não tenho fome, você

devo ir.

— Não quero também.

E tão pouco aceitamos o

convite da mulher do agente

a que fossemos comer um

almôço que ela prepararia.

— Vamos à cidade, Sade?

— Deus me livre.

— Mas homem...

— Daqui já me sinto sufocar

por esta terra do diabo!

Só Deus sabe o que enfrentei

nesses dias.

— Mas não se sofre apenas

aqui. Nada vale meter a cul-

pa na cidade, dos seus dramas.

— Vá passear, Vasconcelos.

Eu não vou — Arra! quei do

bolso do relógio — Porra vida!

O COLECIONADOR

Maria Aparecida Rodrigues

Era uma vez um homem... Um homem sem nome. Coleccionava borboletas. Aparelmente nada de extraordinário. Talvez nem ele próprio soubesse, mas cada borboleta simbolizava um amigo que ele gostaria de ter tido e que lhe fechava as portas da comunicação. Todos, desde os colegas de trabalho, que em nada eram melhores do que ele e, no entanto o escarreciam, até os grandes filhos da fortuna, os que possuíam relevo social, cultura, aplausos, aceitação. Estavam ali, espetados em alfinetes, impotentes para recusar o seu amor.

Mas o desejo de perfeição o impelia a tentar uma façanha inédita: condicionar a borboleta viva. Imaginem! Não precisar matá-la, para que ela não fugisse. Ele a conquistaria pelo amor. Faria todas as suas vontades. Seria seu escravo. Ele haveria de compreender que ele não queria mais tê-la. Acabaria por aceitar sua proteção.

Meticulosamente, planejou a sua última façanha. Retornou a borboleta que o interessava nos mínimos detalhes. Era perfeita: um tanto ríca, bonita, inteligente, curta. Não lhe foi difícil executar o plano. Tudo estava preparado para recebê-la.

Quando deu o nódo de si, a pobre borboleta estava trancada a sete chaves da adaga. A princípio voou-las as tonas pelo cômodo. Não encontrando saída, deixou-se ficar imóvel.

De súbito, ele-lo que surge: o seu inimigo. Tanta fugir da sua fúria assassina, mas percebe que suas atitudes são pacíficas. É gentil, delicado, subversivo até. A borboleta, no entanto, não estava disposta a confiar nas suas nobres intenções.

Não era tão fácil como pensara o colecionador. A sua valiosa presa não se submetia. Debatia-se, tentava fugir. Não entendia a sua linguagem ternas. O colecionador era paciente. Acreditava na força do amor. Mas o método era mais forte. E o método a matou. Desesperado, o colecionador tentou salvá-la. A sua própria vida dependia desse êxito. Não podia perdê-la. Em vão. A borboleta morta, o colecionador frustado. A vida impotente ante a ironia do nada.

A nossa vida é assim. Dominada pelo medo. Por isso não há amor. O medo elimina o amor, mas o amor, por mais profundo, não consegue eliminar o medo. O mundo agoniza lentamente, corroído por esse sentimento irracional. E nada se pode fazer para salvá-lo.

No princípio era o Medo, e o Medo se fez Ódio e habilitou entre nós.

são onze e quarenta.

Malditos algarismos romanos impelíveis diante da minha dor estragada!

Lembro-me que o contê- râneo largou-me e foi sentar lá na ponta da gare, talvez pra esconder a agonia que o solapava também. De vez em quando algumas pessoas vinham à estação; no geral eram comerciantes despachando e recebendo carga. Alguns me olhavam e até com certa insistência, após prosa miúda com o agente. Eu devia parecer um doido e por isso mesmo as gentes pouco me interessavam. A não ser um vendedor de passarinhos que por lá chegou. Um menino estafado de quem me ficaram grudados os olhos nos olhos verdes do triste semblante e o canto pungente das aves.

— Comprir canário?

— Comprei-lhe sim. Depois vi o bichinho sóto ganhar o sol.

O brio não deixava mas eu queria chorar, pois eram só três da tarde e passei as mãos nos olhos. O Paraíba estava amarelo. O sol, amarelo o céu, passei de novo as mãos nos olhos.

O camião me chamava e fui.

— O que é que você quer aqui, Alexandre? — minha sombra se intrometeu.

— Olha, Vasconcelos, eu não sei o que quero. Ficar sóto ou pular négua, não sei!

Deixe-se de besteiras, meu caro, você está exagerando.

— Não estou coisa nenhuma.

A cédula absurda me empolgava. Vasconcelos tomou-me pelos ombros olhando-me o fundo dos olhos e repetiu:

— você está exagerando.

Agora há pouco me disse que a menina está...

— Era mentira!

— Como?

— Ela não está fora de perigo.

Quería ser o monstro dos passarinhos para poder chorar.

— Alexandre... mas porque você mentiu?

— O sol me pisou forte os miolos.

— Vá pro inferno! — gritei

— menti e muito. Menti pra você, pra Trude, menti pra mim e mintei pro mundo inteiro!

Vi, então, nos olhos comovidos do amigo que eu estava chorando, e senti muita vergonha. Ele não me falou mais nada. Estêve, todavia, junto de mim à margem do rio até o amanhecer e cada gesto meu punha-o em sobressalto.

Em cima do horário o trem chegou, e, assim, havíamos vencido a secular aventura. Vasconcelos era um cadáver, branco de cansaço, cabelos em mistura. A luz do trem era parente da noite, com quase nenhuma claridade.

Só agora, passados mais de cinquenta anos, sinto-me feliz por haver chegado bem depois, que se chego junto a morte — coisa val — e meter-me a disputar com ele a presa.

